

Entrevista¹**PROF. DR. MICHEL ROCHEFORT**

Universidade de Paris I SORBONNE

Entrevistadores:

Denise Elias, Edilson Pereira Junior e Jovanil Oliveira

Departamento de Geociências da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Denise Elias: Professor, nessa entrevista, o Senhor poderia conduzir a discussão, naquilo que já havia mencionado anteriormente, ou seja, pensar e dialogar sobre quais são as grandes demandas sociais para a geografia no século XXI...

Rochefort: Veja bem, acho que poderíamos fazer uma divisão: de um lado, poderia falar do papel da ciência geográfica na sociedade e depois apresentar algumas de minhas idéias sobre a evolução da geografia brasileira ligada ao que eu vou tentar dizer da geografia geral. Eu acho que a geografia teve uma fase de descrição e de reconhecimento da Terra, a fase de exploração. E, deste ponto de vista, acho que os geógrafos brasileiros foram ótimos, é só lembrar o papel do Conselho Nacional de Geografia e do IBGE, um trabalho revolucionário e que teve um significado muito importante. Só que esse papel já foi cumprido, o mundo já está conhecido e os rumos da geografia precisam mudar. Falo de uma vocação da geografia na busca pela compreensão das relações entre a sociedade e o território; a idéia de distinguir o espaço organizado a partir das culturas sociais, constituindo um *território* da sociedade. Desse ponto de vista, eu acredito que a geografia tenha ainda muito a fazer. Mas, depois de conhecer os mecanismos dessas relações entre a sociedade e o território, não consigo desligar a geografia de uma vontade de agir, de buscar compreender os descompassos na relação sociedade/ território e procurar o planejamento para melhorar tais situações. E o geógrafo precisa se sentir convencido sobre o seu papel neste planejamento. Só que isso tem uma ambigüidade muito grande: se o planejamento vai partir da idéia de que existem defeitos na organização espacial (que é afinal de contas um ponto de vista funcionalista - não funciona bem, então eu procuro melhorar o funcionamento da relação sociedade/ território), temos aí um grande erro, cuja causa se explica pelo fato de que a geografia não fez um esforço muito grande para compreender as relações sociedade/ território no passado. Isso ocorre porque estas relações são ligadas às estruturas da sociedade, existindo apenas uma pequena margem, e talvez uma margem de inadequação, entre as estruturas da sociedade e a organização dos territórios. É nessa margem que podemos fazer o planejamento. Assim, existem alguns elementos na relação sociedade/ território, os quais são ligados às estruturas sócio-econômicas, que não são possíveis de serem planejados. A única maneira de modificar tais estruturas é desempenhar um papel de cidadão dentro do jogo político e da evolução do poder político, que vão redefinir a estrutura da sociedade. Na tentativa de compreender os problemas na relação sociedade/ território, creio que a geografia assumiu alguns caminhos: um bem nítido, que vai aparecer a partir dos anos de 1960 na França, chamada *geografia geral*, isto é, *geografia humana geral*. Este caminho procurava estudar empiricamente as formas de relação entre a sociedade e o território (a agricultura, a organização do espaço rural, o urbano, os transportes e as atividades econômicas) na escala do mundo e imaginavam que, desse modo, encontrariam conceitos, tipos, categorias de relação e formas de relação também em escala mundial. Outro rumo vai aparecer, sobretudo, com Pierre George, responsável por criticar a idéia da geografia geral e por dizer: “não, a noção de sociedade e território na escala do mundo não quer dizer nada, pois, na verdade, sociedade e território são estruturas sócio-econômicas em relação à própria organização do espaço”. No meu ponto de vista, creio que a *geografia geral* não poderia ir mais adiante do que uma geografia de cada grande *conjunto territorial*, mesmo se as questões

¹ Entrevista realizada no dia 25 de outubro de 2002, em Fortaleza-CE.

estudadas no âmbito formal fossem as mesmas. Não adianta fazer uma geografia semelhante para a Europa e para a África! Não adianta fazer uma geografia de grandes *conjuntos territoriais* ligadas às grandes diferenças empíricas da sociedade, sobretudo da herança, do passado desta sociedade! Esse foi o legado da *geografia geral*. Uma obra que foi referência na revelação dos limites dessa *geografia geral* foi escrita pelo próprio Pierre George e se chamou, infelizmente, eu acho, de *Princípios de Geografia Urbana*. Lançada em 1957, pretende fazer uma *geografia geral* da cidade e cada capítulo é um capítulo sobre a cidade de um grande *conjunto territorial*. Assim temos a cidade da velha Europa; a cidade da América do Norte etc, cada uma mostrando que, em função daquilo que nós vamos chamar de evolução e história da formação social, ocorrem problemas específicos em cada cidade. Na verdade, o livro foi muito importante para minha geração, porque Pierre George foi meu mestre, e realizou grande demonstração metodológica ao oferecer à geografia uma perspectiva de análise da relação sociedade/ território, mostrando que não é possível fazer uma *geografia geral* empírica na esfera do mundo e sim que é preciso relativizar as estruturas, as quais chamamos de formação social. Então, acredito que o peso das heranças é muito importante na relação sociedade/ território e, uma vez que o território é organizado, uma cidade é organizada, as marcas históricas ficam materializadas. A geografia proposta por Pierre George descobriu isso e apresentou muito mais possibilidades na busca da compreensão das relações estabelecidas entre a sociedade e o território. Estimulou cada geração de geógrafos a trazer coisas novas e a ler a difícil dinâmica das relações espaciais.

Edilson Pereira Júnior: Professor há não só uma transformação metodológica, mas também teórica. Por exemplo, de certa forma há um pouco de Marx, ao se trabalhar com categorias como formação social, entre outras...

Denise Elias: Pierre George faz essa introdução...

Rochefort: Exatamente, Pierre George foi marcado por uma ideologia marxista. Sem dúvida.

Edilson Pereira Júnior: Embora muito do método ainda se mostrasse diferente.

Rochefort: Bom, mas isso vai nos fazer discutir acerca dos problemas e dos limites do trabalho de Pierre George, além da sua metodologia. Há uma evolução e isso está no aprofundamento da geografia em buscar compreender a relação entre a sociedade e o território. Mas também há vários obstáculos para o desenvolvimento desta ciência. O primeiro deles foi esse problema do marxismo, que, na época de Pierre George, todos os seus alunos já tinham a percepção. Infelizmente, para nós, eu estava entre eles, o marxismo não fornecia todos os fatores suficientes para a compreensão da relação sociedade/ território. É importante e quem vai desconsiderar isso, no meu ponto de vista, vai trilhar por caminhos distantes da seara da geografia. No entanto, realiza a contento a leitura das estruturas, das relações de trabalho, do sistema de produção. Por isso não dá pra negar o aspecto positivo que foi a introdução do marxismo, por Pierre George, na geografia. Alguns autores, como Paul Claval, ainda vão lembrar que a compreensão da relação sociedade/ território não se dá apenas pela leitura das infra-estruturas. Afirmam que o espaço tem todo um conjunto de fatores, principalmente os culturais, e isso vai resultar numa proposta de *geografia cultural*. Claval, que no começo foi um anti-marxista terrível, lembrou da importância dos fatores culturais no sentido amplo da palavra cultura, ou seja, a partir dos sociólogos. O seu maior problema é que esqueceu de ler as estruturas e, verdadeiramente, para mim, foi uma coisa mais deficiente ainda do que uma visão marxista ortodoxa.

Denise Elias: Eu também concordo.

Edilson Pereira Júnior: As críticas a Pierre George também passavam pelo fato de ter proposto um marxismo que não incorporou a dialética...

Rochefort: Mas eu verdadeiramente acho que tanto Pierre George, como os seus alunos (Eu, Kaiser, entre outros), estávamos aplicando o marxismo sem verdadeiramente conhecer a dialética. Eu tive a oportunidade, antes de me tornar geógrafo, de tentar, sem sucesso, ser filósofo. Isso

porque meu pai era professor de filosofia e eu estava mesmo interessado em seguir seus passos. Naquela ocasião fiquei apaixonado por Hegel. Trabalhei bastante a dialética de Hegel e descobri, na verdade, que aquilo não servia muito para a geografia. Muitos anos depois, quando voltei ao marxismo, descobri que só tinha uma idéia muito ligeira de Marx, mas o engajamento foi uma maneira de dizer que nós estávamos interessados, que para nós era importante utilizar a estrutura da sociedade, as relações de classe, as relações de trabalho, tudo isso como fator de explicação da famosa relação sociedade/ espaço, isto é, se não vai ser uma coisa tão eficiente, vai contribuir na compreensão da evolução da sociedade e sua relação com o território. Mas o que você diz é verdade, quem não gostasse e quisesse atacar a obra de Pierre George, tinha a possibilidade de dizer assim: “ele não somente se diz marxista e vai impedir o bom desenvolvimento da geografia, como também não é um bom marxista”. Mas essas foram críticas não-constructivas.

Denise Elias: Eu considero que ele foi um avanço. Ele introduziu as categorias para a geografia, depois foi sendo aperfeiçoado.

Rochefort: Sim e o mais importante é compreender que tudo isso surgiu num momento, na França, de uma briga muito feia entre as três tendências da geografia. Briga feia, até quando, vamos assim dizer, os “burgueses da geografia” mantiveram o poder, depois de 1968. Eles tentaram impedir, tentaram frear e comprometer a carreira dos geógrafos alunos de Pierre George. Bom, eu já era professor na Sorbonne, e de 1969 a 1981, durante 12 anos, a burguesia que estava no poder, do ponto de vista das instituições, não me deram nenhum aumento salarial. Fomos prejudicados financeiramente, sem dúvida. Foi uma reação contra a geografia marxista. Esta briga prejudicou muito a própria produção geográfica, pois os geógrafos da linha de Pierre George sequer tinham a possibilidade de publicar. Eu mesmo não escrevi nada durante muitos anos. Pensei: “se não tenho possibilidade de publicar e nem quero entrar no sistema dos outros, vou fechar minha boca”. Posso lembrar uma situação que também mostra o aspecto negativo dessa fase. Os alunos de Pierre George, nos arredores de 1972/1973, isto é Eu, Bernard Kaiser, Yves Lacoste, entre outros, tiveram a idéia de escrever um novo tratado de geografia urbana. Nós não conseguimos. Ainda saíram as primeiras linhas, os primeiros planos, mas, depois concluímos: “será que vamos realmente publicar isso? No final das contas o tratado não saiu. Você vai ver que de 1972 até 1980 temos poucos livros destes alunos de Pierre George. Nesse mesmo período, outros autores publicaram vários livros de uma geografia que chamamos de cultural. Para mim são livros que não alcançam os verdadeiros problemas geográficos, pois são bloqueados pelo fato de não aceitar a idéia de que também existe uma estrutura nessa sociedade. É só depois que a geografia francesa vai superar essa briga, na busca de uma geografia mais sintética, que pudesse alcançar uma concepção que abrangesse os diferentes fatores na compreensão da relação sociedade/ território. Considero essa uma tarefa difícil e poucas obras dentro dessa linha se aproximaram, de fato, de uma abordagem sintética. Talvez até não seja realmente possível escrever um livro que venha mostrar todas as possibilidades de interpretação, mas, uma obra que considero importante, mesmo com todos os aspectos a considerar, uma obra que realmente acredito ter se aproximado desse olhar sintético é *Por uma Nova Geografia*, de Milton Santos. É uma obra de superação, pois Milton Santos, no começo, não tinha nada de marxista. Depois ele entrou, como muitos geógrafos franceses, numa fase na qual podemos chamar de “um marxista sem conhecer o marxismo”, até finalmente ele ler *O Capital*, o que não aconteceu comigo. Somente depois dessa trajetória, ele tentou a síntese das idéias. Tentou e chegou ao livro que procurou libertar a geografia das velhas brigas, na busca de uma construção sintética, que aceitasse os fatores necessários para a compreensão da relação sociedade/ território.

Edilson Pereira Júnior: E sobre as questões que envolvem a relação entre a geografia física e a geografia humana na França?

Rochefort: Este é outro problema que vai complicar a evolução da geografia do ponto de vista do avanço científico, sobretudo porque o assunto sociedade/ território não é exclusivo da geografia. Qual é a originalidade da geografia dentro deste diálogo com as outras ciências? É exatamente a de

trazer uma visão construtiva do território. Do território não como um suporte, mas como um agente em função das características do meio físico e das transformações do meio físico em função do papel do homem, que vai incorrer nas questões do meio ambiente. E isso não é, eu repito, um suporte, mas um fator que vai entrar em inter-relação com as características do corpo humano, do ponto de vista dos sociólogos, e com as características das estruturas econômicas, para os economistas. Então eu acredito que se a geografia quer guardar o seu lugar neste diálogo e nesta evolução positiva de compreender a relação sociedade/ território em função de um esforço conjunto de disciplinas diferentes, a originalidade da geografia é a de trazer uma visão construtiva, uma visão do território como um conteúdo do meio físico e do meio ambiente. Também é por esse motivo que a geografia não pode se desligar dos estudos da dinâmica da natureza, embora muitos não concordem. Eu acredito que a geografia humana não pode ser um elemento importante nessa abordagem multidisciplinar das relações sociedade/ território, se ela não tem o aporte da geografia física. Mas de qual geografia física falamos? Será somente aquela que pergunta se esse planalto foi originado no terciário ou no secundário? Ou aquela que apenas prioriza a importância do Plioceno e do Mioceno nas estruturas atuais? Acredito que não, esse ponto de vista não vai modificar as relações sociedade/ território. Também não é o caminho da especialização que vai contribuir, e essa é uma briga que mantenho com meu grande amigo Allan Godard, que fez toda a carreira dele na Universidade Paris I como um especialista quase mundial de geografia do cristalino.

Denise: Eu acho que isso não serve para nada.

Edilson Pereira Júnior: Mas o senhor acredita na possibilidade teórica de se olhar essa relação natureza/ sociedade a partir de um só ângulo?

Rochefort: Você diz meio ambiente e geografia física? A geografia física vai tratar do homem somente como elemento que vai modificar o meio físico.

Edilson Pereira Júnior: Falo isso porque, atualmente, encontramos correntes que falam não só da interação, mas da elaboração de um método que consiga enxergar essa interação, vendo a sociedade não só como um elemento, mas como sujeito atuante na natureza.

Rochefort: É isso mesmo, este é o papel da geografia física, ou melhor, é um dos papéis da geografia física. Mostrar como a sociedade, entendida como estrutura, vai atuar de uma maneira diferente sobre o meio físico. E não vai ser o homem, vai ser a sociedade. Uma vai destruir um pouco do meio físico, a outra vai cuidar de melhorá-lo. Então é preciso ver o quanto à geografia física pode responder a essa necessidade de diálogo com a geografia humana, para que a geografia humana tenha a possibilidade de avançar na leitura do espaço. Acredito numa geografia física que se ampare na epistemologia básica da própria geografia e, por consequência, valorize as inter-relações. E nós da geografia humana, também vamos tentar ver as inter-relações, sobretudo dos fatores responsáveis pela organização do território. No geral, então, temos que fazer um esforço de inter-relação, em francês se diz *combinaison*, uma combinação dos fatores para chegar a uma compreensão dos meios naturais, dos riscos naturais, das condições do papel do homem dentro da passagem do meio físico para o meio ambiente. Vamos dizer que uma das maiores contribuições de alguns em Paris I, que é a Universidade onde trabalho, seria o abandono das especialidades na busca pela solução dos problemas causados pelos riscos naturais. Falar de riscos naturais já seria uma posição mais expressiva do geógrafo, principalmente porque é uma combinação de geologia, de geomorfologia, de climatologia e de hidrologia. Se conseguirmos fazer isso, estaremos num bom caminho.

Denise Elias: Professor, a geografia brasileira que é tão recente, é tão nova. Como o senhor vê tudo isso na geografia brasileira?

Rochefort: A briga entre a geografia física e a geografia humana eu não sei.

Denise: Mas eu não estou nem pensando na briga, estou pensando na evolução: geografia geral, geografia empírica, geografia física/ geografia humana... como o senhor vê a evolução da geografia brasileira?

Rochefort: Eu não tive a oportunidade de ler tudo o que se produziu na geografia brasileira. Mas, pela minha experiência, vou dividir a evolução em três grandes momentos. A geografia brasileira da fase inicial, que, a meu ver, teve um peso demasiadamente importante da geografia francesa, como mostra o trabalho do meu amigo Pedro Geiger, que pegou a noção de rede urbana extraída dos trabalhos franceses e escreveu a *Rede Urbana Brasileira*, com resultados que estão um pouco desligados da realidade do Brasil. Foi uma obra pioneira, mas, em vez de pegar o exemplo francês e trabalhar com a realidade brasileira, ele fez uma obra um pouco desconectada da realidade do país. Em minha opinião, no mesmo período, o geógrafo Orlando Valverde teve melhor capacidade de utilizar sua formação alemã para compreender inúmeras questões do Brasil. Também é possível destacar, depois da Segunda Guerra, o papel do geógrafo Hilgard Stenberg, até o momento em que o mesmo resolveu trabalhar nos Estados Unidos e se tornar professor numa das universidades daquele país, diminuindo os seus estudos sobre as questões brasileiras. Isso foi a primeira fase. Numa segunda fase, entre os anos de 1960 e por quase toda a década de 1970, muitas influências anteriormente importantes vão diminuir e outras vão aparecer. Esse é o momento no qual a famosa geografia quantitativa vai invadir a geografia brasileira e posso contar que fui convidado pela Universidade Federal de Pernambuco, para ministrar aulas como professor visitante em um curso sobre Geografia Ativa. Neste momento, considero que a demanda dos geógrafos brasileiros já era mais especializada, pois os geógrafos Manoel Corrêa de Andrade e Maria de Melo insistiram para que o ponto central a ser trabalhado por mim fosse os novos aspectos da geografia francesa. Em 1966 eu também fui convidado pelo IBGE para tratar de questões relacionadas à modernização do Conselho Nacional de Geografia. Na ocasião encontrei geógrafos brasileiros com excelente formação, como Nilo Bernardes e outros, que já se colocavam como pesquisadores tão bem formados quanto os geógrafos franceses.

Denise: Roberto Lobato Corrêa era dessa época também?

Rochefort: Era muito jovem. Ele vai ter um destaque pouco depois. Meu trabalho no IBGE foi o de discutir uma metodologia sobre as microrregiões do país, mas dentro de uma geografia brasileira já formada. E esta geografia, do meu ponto de vista, vai se apresentar adulta. No aspecto metodológico, ela não vai inventar uma metodologia nova, mas vai digerir as metodologias estrangeiras e vai se tornar uma geografia adulta. A partir daí começa a ocorrer um fator que vai acabar quase como um desvio. É que, em função da sua dimensão, os geógrafos brasileiros vão, sobretudo, estudar o Brasil. Vão se tornar especialistas do Brasil. Desse modo, superam a fase de exploração do Conselho Nacional de Geografia e vão se tornar estudantes dos problemas das relações sociedade/ território dentro da realidade brasileira. E como a realidade brasileira é muito complicada, muito diversificada, eles vão ter muita capacidade de aprofundar as interpretações, resultando numa geografia brasileira que desenvolve outras relações com as geografias estrangeiras. Por vezes senti uma dose mais acentuada de nacionalismo. “A geografia brasileira não tem mais nada a ver com os geógrafos franceses”, alguns chegaram a me dizer. Mas, a geografia brasileira passou da infância à maturidade de maneira bem interessante, com estudos muito bem elaborados sobre a realidade do Brasil. Enfatizo isso, destacando a terceira e última fase, na qual vou lembrar o papel decisivo de Milton Santos. A meu ver, a maior contribuição dele foi o fato de ter construído uma teoria própria, se desligando da influência direta dos outros. E o Milton Santos, eu cheguei a conhecê-lo porque ele ficou um período na França, na Universidade Paris I, tinha uma capacidade impressionante de leitura. E lia de tudo, Jackes Levy, Claude Raffestin e muitos outros, mas, depois da obra digerida, o que restava era o pensamento do Milton Santos. É isso que falta para vários geógrafos. Porque também os outros geógrafos não devem aceitar o pensamento de Milton Santos sem crítica. O mesmo funciona com Pierre George etc. No entanto, na mais recente geografia brasileira, também vejo o uso de conceitualizações que talvez não sejam exatamente adaptadas à

realidade brasileira. Já fui convidado para bancas em que o autor do trabalho procurava recuperar a concepção de muitos geógrafos e filósofos, mas creio que isso só é necessário quando a idéia se coaduna com a realidade estudada. No meu entender você interioriza a leitura, chega a uma personalização do pensamento e coloca a referência. Pronto. Então, no meu ponto de vista, acho que a aceitação muito fácil de algumas teorias é uma das dificuldades da atual geografia brasileira. Em síntese, acho que tivemos a infância, a fase de jovem para adulto e chegamos à maturidade da geografia no Brasil. É claro que devem existir muitas outras divisões, mas essa é a que conheço.

Edilson Pereira Júnior: Professor será que poderíamos falar um pouco sobre as redes e a região?

Rochefort: Sim, sim. A questão das redes e hierarquias urbanas é uma realidade de uma fase da evolução da sociedade. Acredito que seja da fase, vamos dizer, do capitalismo ainda nacional. Ocorre dentro de cada nação e em função dos transportes regionais com a abertura de cada região para as possibilidades de troca. Com as trocas inter-regionais e com as especializações, houve a necessidade de formação de uma rede urbana nacional, destacando os pólos, o crescimento das cidades, a possibilidade de novos serviços para a população em geral, o aumento do nível de vida e o fim da economia de sobrevivência. Também temos, em cada região, a necessidade de uma organização dos centros de serviços de forma hierarquizada. Desse modo, num certo momento da organização social, dentro das fronteiras nacionais, a produção da sociedade vai se dar na forma de redes, principalmente em dois níveis, a rede nacional e as redes regionais, que por razões diversas não vão ser completamente adequadas ao que seria melhor para o funcionamento da sociedade. Admito que essa idéia de inadequação tem uma razão um pouco funcionalista: cidades que já existiam desde muito tempo não vão estar num bom lugar dentro do arranjo das redes. Mas é nesse contexto que vai aparecer a idéia de ir além das redes urbanas hierarquizadas em duas escalas para se pensar na intervenção e no planejamento. Se for planejamento territorial, em princípio, a Geografia tem um papel importante. É preciso reconhecer as virtudes da disciplina que vai tratar da relação sociedade/ território. Vou contar uma boa experiência citando o caso francês. Foi depois da Segunda Guerra Mundial, quando o Comissário Geral Le Blanc teve a primeira idéia de planejamento territorial no país, em 1956, ao assumir o cargo de Ministro do Planejamento. Na ocasião, os responsáveis pela política e pela administração do planejamento territorial vão encontrar no geógrafo o perfil do profissional capaz de colaborar para o planejamento do território. O problema foi que, para alguns geógrafos, isso significou uma espécie de apropriação das políticas de planejamento, gerando, na França, coisas como a *Geographie Applique* (Geografia Aplicada), na qual pessoas como Philiponneau e J. Beaujeu desenvolveram certa vaidade, acreditando que o geógrafo, sozinho, era responsável por pensar e planejar o território e resolver problemas de desequilíbrio. Não acredito nessa possibilidade e defendo isso com duas argumentações: primeiro, vejo que quem decide o planejamento é o poder político, pois esse é um problema da sociedade. Não é o geógrafo que vai implantar as metrópoles de equilíbrio. Essa é uma decisão dos governantes. Isso revela uma contradição entre a vaidade do geógrafo e a realidade do papel possível da geografia dentro do planejamento territorial. A outra questão é sobre a abordagem pluridisciplinar dentro do planejamento, muito necessária para a real efetivação da política. A geografia só pode servir ao planejamento dentro de uma abordagem pluridisciplinar. Só assim será capaz de atender as muitas demandas sociais que surgem e não cair numa contradição. Se eu entrei no planejamento era porque pensava compreender essas duas coisas e acreditava que poderia contribuir para um problema de desorganização da rede urbana francesa. Era o momento da minha especialização em redes urbanas e eu acreditava na política de reorganização a partir de uma programação bem definida. Também me considerava completamente desligado da *Geographie Applique* francesa. Foi nesse contexto que me tornei responsável pela preparação de um programa que procurava organizar o território francês com base no ordenamento funcional das cidades. Tornei-me diretor do Centro para Preparação de Programas das Metrópoles de Equilíbrio. Acho que tive a oportunidade de desenvolver um trabalho pluridisciplinar na preparação do programa, pois realizei minhas atividades de geógrafo e montei uma equipe com economistas, sociólogos,

engenheiros etc., que por dois anos pensou e discutiu uma composição de rede urbana interessada em reequilibrar a organização das cidades na França. Na época, Paris tinha um papel demasiadamente importante e nossa função era refletir como redefinir esse quadro. Foi nesse momento que aprendi muito com a política. Antes de minha saída do Programa, que foi adotado pela Assembléia Nacional dentro da Lei do Planejamento do Quinto Plano Francês, experimentei experiências enriquecedoras. Uma delas foi na minha tentativa de propor uma metrópole de equilíbrio para a Zona de Lorena, que fica no nordeste da França. Em minha opinião, a cidade mais preparada para assumir esse papel era Nancy. Só que durante muito tempo tivemos que encarar o seguinte problema: uma parte da Lorena foi dominada pela Alemanha entre 1870 e 1919, enquanto a outra parte ficou sob domínio francês. Muito bem, do lado francês havia Nancy e do lado alemão havia Metz e as duas cidades se detestavam. O governo de Metz chegou mesmo a informar o quanto os responsáveis pelo planejamento regional teriam que considerar essas questões. Disseram o seguinte: “ah não, nós não vamos aceitar uma região com uma única metrópole, que vai ser Nancy”. Assim, depois de todo o nosso trabalho apareceram várias intervenções pressionando para que modificássemos o Programa. Como os incomodados possuíam a força, definiram por um recorte denominado “Área Metropolitana de Metz-Nancy”, que foi instituído enquanto lei. Mas quando tive que implantar as instituições para efetivar as políticas na área metropolitana, não havia como colocá-las nem em Nancy nem em Metz. Precisei montar tudo numa pequena cidade que ficava entre as duas, onde não havia infra-estrutura necessária. Assim, tive que construir imóveis, organizar toda uma rede de comunicação etc.

Edilson Pereira Júnior: isso foi na década de 1960?

Rochefort: Sim, meu trabalho foi de 1962 a 1964. A propósito, essas modificações ocorreram antes da instalação da Lei de Comprovação das Metrôpoles de Equilíbrio e foram votadas dentro da Lei do Planejamento do Quinto Plano Francês, no fim de 1964. Você imagina, trabalhei com toda uma equipe durante dois anos e um político conseguiu redefinir tudo. Na verdade, era o prefeito de Metz que não aceitava trabalhar com o prefeito de Nancy. Diante dessa chateação, escrevi um livro criticando o processo. Não era um livro científico, tinha apenas uma pequena crítica. Mas o Ministro do Planejamento não gostou e o chefe de gabinete me chamou e me explicou que “aqui ou você está dentro ou você está fora”. Então eu respondi: “estou fora!” Mas eu até fiquei um pouco mais e aproveitei para escrever um livro, no qual falo dos centros regionais menores dentro de uma idéia de hierarquia na rede urbana francesa. A partir daí começamos outro trabalho e nos envolvemos numa outra briga, esta na região de Lyon. A confusão se deu por um motivo bem parecido e já se estendia desde um período anterior à política. Mas, para este caso, o pior aconteceu nos centros regionais de segundo nível. Fui obrigado a escolher entre Annecy e Chambéry e acabei fazendo uma pesquisa sobre as duas cidades. Como resultado, descobri alguns fatores que davam a preferência a Annecy. Infelizmente, era um tempo de governo de direita, e, nesta época, o prefeito de Annecy era socialista, enquanto o prefeito de Chambéry era bem próximo ao governo central. O ministro, pessoalmente, chegou a me escrever uma carta, dizendo que eu estava enganado, uma vez que a aglomeração de Annecy, definitivamente, não era mais populosa que a aglomeração de Chambéry, insistindo para esta última assumir o lugar de centro regional. Como tinha completa noção do que estava fazendo, escrevi-lhe uma carta dizendo, não sei se vocês vão compreender é um provérbio francês, “cada um em seu lugar e as vacas vão ser bem guardadas”. Ele não gostou! Certo dia, quando cheguei em meu escritório, havia um pequeno papel dizendo: “este centro está fechado e o professor pode voltar às suas atividades”.

Denise Elias: Essa foi bem pesada!

Rochefort: É por isso que comecei a estudar os países em desenvolvimento (risos). Na verdade eu me zanguei tanto com essa política francesa e com essa terrível contradição, entre a boa vontade do planejador, do geógrafo no planejamento, e as perversões dos políticos, que nunca mais participei do planejamento francês. Bom, mas as questões sobre redes e hierarquias se tornaram um pouco

obsoletas com a globalização. A globalização é a abertura das fronteiras. O problema é saber ao serviço de quem. Abertura das fronteiras que vai redefinir a rede nacional. A partir de então, vão aparecer pólos mundiais e fluxos mundiais. Então o problema da geografia não é mais de redes, cursos e fluxos nacionais, é com a globalização. A noção de rede perdeu um pouco de importância. Só que, desse ponto de vista, temos que distinguir dois tipos de cidades, as que vão se tornar pólos da globalização e da modernização, novas metrópoles que vão constituir uma nova metropolização; e as metrópoles que vão desempenhar uma capacidade de controlar fluxos numa dimensão bem inferior. As primeiras estão, principalmente, nos Países do Norte, enquanto as cidades dos Países do Sul se colocam no segundo caso. Desse modo, temos uma geografia mundial, mas com a diferença entre os Países do Norte, que vão ter a maioria das grandes metrópoles controladoras dos fluxos, e os Países do Sul, que vão ter, sobretudo, metrópoles de intermediação entre os espaços regionais e as grandes metrópoles dos Países do Norte. Entretanto, isso não impede que para a vida dentro de um espaço regional ou nacional ainda não ocorram muitos dos problemas propostos por Christaller, que é o avô de tudo isso. Afinal de contas, ainda há a necessidade de pensar uma rede urbana de serviços, porque ainda existem diferentes níveis de raridade dos serviços, que foi a base da construção teórica acerca das redes urbanas, e ainda existe os problemas de relação entre o centro elementar, o centro regional e o centro local, mas claro, a partir de uma outra perspectiva. Vamos dizer então que não há mais redes hierarquizadas, mas para a vida, para as condições de vida, nos espaços que não sofrem as influências da região metropolitana, ainda vão existir as relações numa rede de serviços.

Jovanil Oliveira: Professor eu perguntaria se há diferença conceitual no uso dos termos mundialização e globalização...

Rochefort - É muito simples e a princípio a resposta é sim. Na França se utilizam os dois termos, mundialização e globalização, com o sentido um pouco diferente. A mundialização é a abertura das fronteiras que não encontram mais limites para o funcionamento da economia e das trocas. Vamos dizer: “é uma noção geográfica de abertura ao mundo”. Já a globalização pode ser ilustrada pela ação de uma empresa quando não pode funcionar, do ponto de vista da organização e do aumento das rentabilidades, sem levar em consideração todos os aspectos do mundo.

Edilson Pereira Júnior: Para os franceses globalização tem uma conotação mais financeira?!

Rochefort: É, mais global; é, exatamente. Vocês chamam aqui tudo de globalização não é? Na França não! A idéia é que a mundialização é somente a mudança de escala do funcionamento do capitalismo e que a globalização é o resultado da ação das empresas e dos investimentos na organização de um território global: “será que a fábrica da empresa francesa vai ficar na França ou será transferida para Bangcoc?” Na globalização, serão as novas metrópoles, a nova metropolização, os fluxos, a visão global e, afinal de contas, todas as mudanças atuais, sem as quais um empresário importante não poderá dar uma boa direção às condições de rentabilidade da empresa. Quanto à mundialização é mais um problema de organização dos fluxos para o funcionamento da economia mundial, do ponto de vista da escala. Associado a isso existe uma noção falsa de desterritorialização, na qual alguns geógrafos e economistas insistem em dizer que a empresa ou as decisões no mundo econômico estão desterritorializadas. Isso é uma loucura, pois o que mudou foi a escala. Assim, dentro das mudanças das estratégias das empresas e das decisões econômicas, ocorre a necessidade de uma visão global. Nos últimos anos foi preciso desenvolver uma estratégia de territorialização na escala do mundo e geralmente os investimentos vão selecionar os lugares com predomínio de mão-de-obra barata. Assim, a empresa francesa vai colocar a fábrica em Bangcoc, a cidade onde se encontram os salários mais baixos do mundo. Então nunca devemos falar de desterritorialização, mas de mudanças na estratégia territorial das empresas.

Denise Elias: Fantástico professor! Agradecemos por tudo.

Rochefort: Eu quem agradeço pela enorme gentileza.